O LEITOR DO TREM DAS 6H27

JEAN-PAUL DIDIERLAURENT

intrínseca

O LEITOR DO TREM DAS 6H27

JEAN-PAUL DIDIERLAURENT

O LEITOR DO TREM DAS 6H27

Tradução de Adalgisa Campos da Silva

intrínseca

Copyright © Éditions Au diable vauvert, 2014

TÍTULO ORIGINAL
Le Liseur du 6h27

PREPARAÇÃO
Tamara Sender
Luísa Ulhoa

REVISÃO
Juliana Souza
André Marinho

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

PROJETO GRÁFICO E DESIGN DE CAPA
Mariana Newlands

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D553L

Didierlaurent, Jean-Paul
O leitor do trem das 6h27 / Jean-Paul Didierlaurent ; tradução Adalgisa Campos da Silva. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2015.
176 p. ; 17 cm.

Tradução de: Le liseur du 6h27
ISBN 978-85-8057-791-4

1. Romance francês. I. Silva, Adalgisa Campos da. II. Título.

15-24182 CDD: 843
CDU: 821.133.1-3

[2015]

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Intrínseca Ltda.
Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 Gávea
Rio de Janeiro – RJ
Tel./Fax: (21) 3206-7400
www.intrinseca.com.br

A Sabine,
sem a qual este livro não existiria,

a meu pai,
que, mesmo invisível, continua
a me inspirar seu amor eterno,

a Colette e seu apoio inabalável.

1

Alguns nascem surdos, mudos ou cegos. Outros dão o primeiro choro com um estrabismo deselegante, lábio leporino ou um angioma feio no meio do rosto. Às vezes, ainda tem quem venha ao mundo com um pé torto, até com um membro já morto antes mesmo de ter vivido. Guylain Vignolles, esse, entrara na vida tendo como fardo o infeliz trocadilho proporcionado pela junção de seu nome com seu sobrenome: *Vilain Guignol*, algo como "palhaço feio", um jogo de palavras ruim que ecoara em seus ouvidos desde seus primeiros passos na existência para nunca mais abandoná-lo.

Seus pais ignoraram os nomes sugeridos em cada um dos dias do calendário dos Correios daquele ano de 1976 para optar por esse "Guylain", que veio do nada, sem nem sequer pensar um só instante nas consequências desastrosas desse ato. Surpreendentemente, e ainda que muitas vezes a curiosidade fosse grande, o menino nunca ousara perguntar o porquê da escolha. Medo de causar constrangimento, talvez. Medo certamente de que

a banalidade da resposta o deixasse insatisfeito. Às vezes ele se divertia imaginando como sua vida teria sido se tivesse se chamado Lucas, Xavier ou Hugo. Até Ghislain teria sido o bastante para sua felicidade. Ghislain Vignolles, um nome de verdade no qual ele poderia ter se construído, o corpo e a mente bem-protegidos atrás dessas sílabas inofensivas. Em vez disso, tivera que passar toda a infância com o trocadilho fulminante o perseguindo: "palhaço feio". Em trinta e seis anos de existência, acabara aprendendo a se fazer esquecível, a se tornar invisível para não provocar mais gargalhadas e zombarias do que as que sempre se manifestavam tão logo era notado. Não é nem bonito nem feio, nem gordo nem magro. Só o vislumbre de uma vaga silhueta nas margens do campo de visão. Fundia-se à paisagem até renegar a si mesmo para permanecer em outro lugar jamais visitado. Ao longo de todos esses anos, Guylain Vignolles vivera simplesmente não existindo, exceto aqui, nessa sinistra plataforma de estação de trem em que pisava todas as manhãs. Sempre à mesma hora, ele esperava o RER, o trem da Rede Expressa Regional, os dois pés sobre a linha branca que delimitava a área a não ser ultrapassada para não haver o risco de cair na via. Esse traço insignificante no concreto tinha a estranha capacidade de acalmá-lo. Ali, os odores de carniça que vagavam perpetuamente em sua mente evaporavam como em um passe de mágica. E durante os

poucos minutos que o separavam da chegada da composição, ele pisava a linha como se quisesse se fundir a ela, consciente de que aquilo se tratava apenas de um adiamento ilusório, de que o único meio de fugir da barbárie que o aguardava lá, além do horizonte, seria sair daquela linha sobre a qual tolamente pendulava, alternando os pés, e voltar para casa. Sim, bastaria simplesmente desistir, voltar para a cama e se encolher na marca ainda quente que seu corpo deixara durante a noite. Dormir para fugir. Mas, por fim, o homem sempre se resignava a permanecer sobre a linha branca, a escutar a pequena multidão de usuários se aglomerando atrás dele enquanto os olhares e um ar ligeiramente quente em sua nuca vinham lhe lembrar de que ainda estava vivo. Ao longo dos anos, os outros passageiros acabaram demonstrando por ele esse tipo de respeito indulgente reservado aos malucos inofensivos. Guylain era um alento que, durante os vinte minutos de viagem, retirava-os por um tempo da monotonia dos dias.

"Para todos os passageiros presentes na composição, ele era o leitor, um sujeito estranho que, todos os dias de semana, lia em voz alta e inteligível as poucas páginas tiradas de sua bolsa. Eram fragmentos de livros sem qualquer relação uns com os outros. O trecho de uma receita podia estar ao lado da página quarenta e oito do último vencedor do Goncourt; um parágrafo de romance policial podia seguir-se a uma página de um livro de história. Para Guylain, pouco importava o conteúdo. Só o ato de ler tinha importância a seus olhos. Ele expelia todos os textos com a mesma dedicação obstinada. E, a cada vez, a magia se operava. As palavras, ao sair de seus lábios, levavam com elas um pouco da náusea que o sufocava ao se aproximar da usina."

ISBN 978-85-8057-791-4

9 788580 577914

www.intrinseca.com.br